

Em outubro deste ano, circulou no Facebook¹ um texto de Nancy Fraser no qual essa renomada cientista política e feminista questiona os rumos do feminismo contemporâneo, que, segundo ela, em sua segunda geração, abandonou as lutas ligadas à solidariedade em prol de uma visão liberal-individualista que acaba por corroborar o neo-liberalismo capitalista em sua exploração de todos. Segundo Fraser, o foco das reivindicações feministas nas questões da violência contra as mulheres e em outras que não implicariam o “pão com manteiga” acaba por centrar-se somente nos temas referentes à identidade de gênero. Embora, no final do texto, ela afirme sua esperança em uma reformulação do caminho do feminismo, no cômputo geral, o texto parece apontar para uma desvalorização da luta feminista e uma acusação, muito próxima da que as esquerdas fizeram desde os anos de 1960 a esse movimento, de que ele dividia o foco da revolução e suas preocupações eram “pequeno-burguesas”.

Ao contrário, após o *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10*, que ocorreu na UFSC, de 16 a 20 de setembro de 2013, com o tema “Desafios atuais dos feminismos”, e no qual estiveram presentes cerca de cinco mil participantes, parece que os desafios são muitos, mas nenhum deles seria o de um esvaziamento das reivindicações e da necessidade do feminismo, seja como movimento social, seja como perspectiva crítica da sociedade, ou, ainda, como foco de estudos e teorias. A nova Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontou que, no Brasil, a renda das mulheres continua sendo cerca de 30% inferior à dos homens;² ou seja, apesar da tal igualdade no mercado de trabalho que muitos pensam que atingimos, as mulheres continuam em média ganhando menos. Além disso, são responsáveis pelos trabalhos mais desvalorizados e por aqueles que não recebem pagamento algum, como o serviço doméstico e o cuidado com crianças e idosos. A questão da violência tem contornos de gênero de várias perspectivas.

Copyright © 2013 by Revista Estudos Feministas.

¹ Como o feminismo se tornou a empregada do capitalismo – e como resgatá-lo, 15 out. 2013, por Nancy Fraser. Disponível em: <<http://uninomade.net/tenda/como-o-feminismo-se-tornou-a-empregada-do-capitalismo-e-como-resgata-lo/>>. Acesso em: 16 out. 2013.

² http://www.cfemea.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4074&catid=222&Itemid=157

Muitas mulheres continuam a ser assassinadas por seus ex-maridos, maridos, companheiros, namorados, por terem ousado sair de uma relação, muitas vezes violenta; mas também os homens, especialmente os negros, correm risco de vida muito alto na nossa sociedade, que não apresenta para esses jovens alternativas viáveis, fazendo com que se envolvam no tráfico de drogas ou, ainda, que sejam alvo da polícia, mesmo que não estejam envolvidos em atividades ilícitas, e os homossexuais são espancados e sofrem *bullying* permanente nas escolas, nas ruas, nas praças.

Continuam, portanto, os desafios que foram colocados pelo feminismo, mas talvez o primeiro deles seja pensarmos que o feminismo não faz sentido só para as mulheres e que uma sociedade na qual o gênero não definisse mais hierarquias, interdições e dominação poderia ser melhor para a maioria das pessoas, mulheres, homens, crianças.

Motivadas pela realização exitosa do *Fazendo Gênero 10*, no qual mais uma vez somamos pesquisadoras, pesquisadores, gerações, mesmas e novas vozes transdisciplinares com papéis importantes na consolidação do campo de estudos de gênero e feministas no Brasil e no exterior, a REF retoma o seu fluxo de bons e instigantes artigos e temas na área.

A seção Artigos inicia com o texto de Gabriela Manitta Venditti, Diego Ochoa Herrera e Juan Emilio Ortiz Navarro, “Maternidad y sublimación: una lectura psicoanalítica de la maternidad tardía”, que reflete sobre razões evocadas para explicar por que, na atualidade, mulheres postergam a maternidade até o limite do biologicamente possível para seus corpos. Pela escuta de mulheres atendidas em centros de apoio psicológico à reprodução assistida, a/os autora/es questionam critérios que estabelecem uma idade adequada para o exercício subjetivo da maternidade, retomando a diferença destacada por Lacan entre as dimensões da demanda – o querer declarado e consciente – e do desejo – sempre inconsciente. Voltando ao tema da sublimação em Freud e à ênfase lacaniana em seu aspecto criativo, ressaltam as especificidades da *pro-criação* humana, que, diferente da reprodução de outras espécies, está irremediavelmente marcada pelo desejo inconsciente.

Referindo dados comparativos sobre a crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho formal brasileiro e seus níveis mais elevados de escolaridade, que não se traduzem em igualdade de salários, fato que ultrapassa a realidade nacional, Michelle Pinto, no artigo “As mulheres na Ciência da Computação”, analisa a divisão sexual do trabalho no campo da ciência. Buscando pesquisar mulheres na carreira acadêmica, em que as discrepâncias salariais não têm em geral as mesmas dimensões que em outras áreas profissionais,

a autora pesquisa professores da ciência da Computação e Informática, considerada tradicionalmente um campo de atuação masculino. Tendo como sujeitos da pesquisa mulheres e homens ligadas/os a instituições de ensino superior públicas e privadas, reflete sobre a ocorrência de segregação das mulheres também nessa área da ciência.

No artigo seguinte, “O equilíbrio de gênero nas operações de paz: avanços e desafios”, Tamya Rocha Rebelo discute formas para se alcançar o equilíbrio numérico entre homens e mulheres que compõem os contingentes militares das Operações de Paz das Nações Unidas. Frente ao relativo consenso quanto à importância do aumento da presença feminina em campo, a autora analisa documentos da ONU em relação à ideia de igualdade de gênero neles contida e aos fundamentos das estratégias utilizadas pela organização para promover O Equilíbrio de Gênero (representação equitativa de homens e mulheres em todos os cargos associados às Nações Unidas) e a Integração de Perspectivas de Gênero (*Gender Mainstreaming* – a ideia de que homens e mulheres são diferentes, mas os direitos, responsabilidades e oportunidades devem ser iguais para ambos os sexos) nas missões de paz realizadas em países em conflito bélico. Conforme a autora, os documentos não problematizam suposições enraizadas sobre as inúmeras masculinidades e feminilidades que coexistem em um componente militar, tratando homens e mulheres de forma dicotômica e reforçadora de estereótipos de gênero, sem abordar as relações contraditórias entre masculinidades e feminilidades que se apresentam no interior das estruturas militares.

Em “Queixosas e valentes: as mulheres e a visibilidade da violência cotidiana”, Magna Lima Magalhães e Denise Castilhos de Araújo refletem sobre táticas de mulheres de classes populares a respeito das diferentes formas de violência a que foram submetidas, através da análise de registros de ocorrências policiais no Livro de Queixas do município (então distrito) do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, entre 1919 e 1924. De cerca de quatro centenas de registros policiais efetuados no período, as autoras analisaram, entre 44 ocorrências registradas por mulheres, algumas referentes à violência doméstica e desentendimentos com vizinhos. Sua atenção se detém nesses atos reveladores de iniciativa e de certa autonomia por parte de mulheres de camadas populares, em uma sociedade fortemente marcada pelo conservadorismo e pelas assimetrias de gênero.

O artigo “Famílias de militares: explorando a casa e a caserna no Exército Brasileiro”, de Cristina Rodrigues da Silva, parte de uma etnografia realizada na Academia Militar das Agulhas Negras para problematizar a noção de “família militar”, que pode indicar tanto o Exército como também os núcleos

familiares formados pelos oficiais (homens ou mulheres) e seus cônjuges e filhos. A autora identificou a presença, na vila militar pesquisada, de três tipos de famílias: casais em que só o marido é militar; casais em que ambos os cônjuges são militares; e casais em que só a esposa é militar. A argumentação da autora chama a atenção para como essas diferentes configurações familiares se articulam com a própria organização das Forças Armadas em termos de gênero, tendo consequências diversas para as famílias implicadas.

Em “O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física”, Betina Stefanello Lima nos traz uma importante contribuição para a compreensão dos desafios colocados para as mulheres que estão em carreiras científicas, analisados através de entrevistas realizadas com 19 mulheres da área de Física. A autora propõe a substituição da ideia de teto de vidro, que seria uma barreira não vista, mas sentida pelas cientistas em suas trajetórias acadêmicas, que as impediria de passarem para determinados patamares, pela de labirinto de cristal, para enfatizar que os obstáculos seriam sentidos em toda a trajetória profissional, e não somente em um determinado patamar. A noção de labirinto também enfatiza toda a complexidade de relações que se colocam para as mulheres, com relação a sua profissão, que não passam somente pelas questões propriamente acadêmicas e profissionais, mas também pelas relações pessoais. Entretanto, feito de cristal, esse labirinto muitas vezes não é percebido como tal pelas cientistas.

A proposta do artigo “Homoerotismo feminino, juventude e vulnerabilidade às DSTs/AIDS”, de Claudia Mercedes Mora e Simone Monteiro, é discutir os descompassos entre as identidades sexuais e de gênero e as práticas sexuais e ligadas à prevenção das doenças sexualmente transmissíveis de um grupo de mulheres jovens que se autodenominam lésbicas ou bissexuais. Por terem práticas homoeróticas entre mulheres, as pessoas estudadas apresentam muitas vezes uma sensação de segurança que acaba tornando-as vulneráveis às DSTs. O artigo chama a atenção para a fluidez das identificações ligadas à sexualidade e das práticas sexuais, para a importância de novas pesquisas nesse campo e a necessidade de as políticas públicas atentarem para essa questão, que pode ser crucial na compreensão das dinâmicas de vulnerabilidade das mulheres às DSTs e AIDS.

Para encerrar a seção, Teresa Cristina de Novaes Marques apresenta o artigo “Entre o igualitarismo e a reforma dos direitos das mulheres: Bertha Lutz na Conferência Interamericana de Montevideu, 1933”. Nele a autora faz uma análise detalhada da atuação da feminista e ativista Bertha Lutz, colocando-a no contexto internacional do feminismo através de sua participação na Conferência de Montevideu, mas especialmente junto ao Itamaraty. Nesse contexto, aparece

como relevante a aliança de Bertha Lutz com grupos internacionais feministas que se opunham ao radicalismo e, ao mesmo tempo, a sua estratégia de envolver o Brasil em políticas internacionais, com relação aos direitos das mulheres, que garantissem, por constrangimento frente a outros países, a adoção de medidas internas que favorecessem a igualdade entre mulheres e homens.

A seção Ponto de Vista deste número da REF apresenta a entrevista realizada por Rosa Blanca com a acadêmica ativista espanhola Raquel (Lucas) Platero, em dezembro de 2009. O diálogo com Platero abordou temas diversificados, como a política espanhola antes e depois de Franco, com suas consequências para a educação, as relações de gênero, as políticas de sexualidades. Platero falou das demandas da vida acadêmica (“a academia exige monogamia”) e das estratégias para a manutenção de seu envolvimento com os movimentos sociais, acompanhando seus interesses de defesa de minorias, os temas de seus estudos especializados: cidadania íntima, interseccionalidades, o movimento lésbico, as teorias *queer*. Discorreu também a respeito da produção, então recente, sobre sexualidades na Espanha, sobre a importância de autoras/es como Beatriz Preciado, ligadas/os à produção estética, dos cursos oferecidos em museus de arte. Essa entrevista vem para se somar a outros diálogos publicados pela REF que contribuem para estabelecer e fortalecer pontes entre publicações feministas brasileiras e autoras/es de outros países e continentes, entre estudos acadêmicos e militância política.

Organizando a seção de Artigos Temáticos, Susana Borneo Funck (UFSC) e Liane Schneider (UFPB), em mais uma parceria, pelas afinidades teóricas e históricas, debruçaram-se sobre 12 artigos procurando mostrar, por meio das várias linguagens que eles atravessam – artes visuais, literatura e mídia – os espaços teóricos e críticos de onde as vozes da representação conseguem ecoar. Desse modo, com o suporte das feministas contemporâneas, tão presentes nas bibliografias da REF, Teresa de Lauretis, Ella Shohat, Nancy Fraser e Clare Hemmings, elas aproximam os textos que trazem, de forma diversificada, a questão da representação relacionada aos temas mulheres, palavra e imagem, corpo e gênero. Assim, ao se tornarem leitoras ao lado de cada uma das autoras e cada um dos autores, conseguiram mostrar a perspectiva da história cultural de “(Re)presentar: contribuições das teorias feministas à noção da representação”, de Eduardo Ramalho Rabenhorst e Raquel Peixoto do Amaral Camargo. No campo das artes visuais, elas reuniram três artigos: “La construcción cultural de la identidad femenina: la iconografía del cuerpo como propuesta artística desde la sociología del género”, de Roxana Sosa Sánchez; “Condições de produção dos feminismos

artísticos em Portugal”, de Rui Pedro Fonseca; e “Alegorias de distinción y presagios de exclusión social en imágenes de mujeres”, de Gisela Paola Kaczan. No campo do fazer literário, promovem o encontro do artigo “Círculos viciosos: intersecções de gênero e espécie em ‘A fonte da vida’, de Darren Aronofsky”, de Rodolfo Piskorski; “Gioconda Belli, un universo de mujeres”, de Gema Lasarte; e “Júlia Lopes de Almeida teatróloga: apontamentos sobre a peça inédita ‘O caminho do bem’”, de Michele Asmar Fanini. No campo do cinema, política e performatividade de gênero, “Sexualidades marginais nas bordas do texto: cinema, política e performatividade de gênero em ‘El beso de la mujer araña’”, de Anselmo Peres Alós; “El poder del testimonio, experiencias de mujeres”, de Rosana Paula Rodríguez; “Guerrilheiras da palavra: as mulheres no rádio em Timor-Leste”, de Maria Inês Amarante; “Hermenêutica negra feminista: um ensaio de interpretação de Cântico dos Cânticos 1.5-6”, de Cleusa Caldeira; e “Réquiem para dois pássaros de gelo: a coreografia da exclusão na patinação artística soviética e a construção da potência esportiva mundial”, de Diego Santos Vieira de Jesus. Os textos vistos assim, nas suas articulações ideológicas, permitem a leitura da representação não mais como um paradigma epistemológico, mas como um cuidado constante com as mediações que as representações da realidade impõem, um cuidado que se vale muito da percepção e da sensibilidade diante das manifestações da arte e da mídia.

Contendo ainda sua seção de Resenhas, este novo número da REF deseja boas leituras e reflexões feministas sobre os desafios que continuam a se fazer presentes na contemporaneidade.

Cristina Scheibe Wolff, Mara Coelho de Souza Lago e
Tânia Regina de Oliveira Ramos